

# Deságio recorde no 9º leilão de conversão

por Ana Lúcia Magalhães  
do Rio

O nono leilão de conversão, realizado ontem na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (BVRJ), superou todas as expectativas em torrío do deságio, que acabou sendo recorde: 50% na área livre e 21,5% na incentivada. Com esta nova rodada, o Brasil abateu da sua dívida externa mais US\$ 243,094 milhões.

Já foram convertidos, por meio desses leilões, US\$ 1,313 bilhão, com a dívida brasileira sendo reduzida em US\$ 1,717 bilhão. Antes de o diretor do pregão carioca, Danilo Ferreira, abrir o leilão, já era es-

perada uma taxa de desconto superior aos 38,5% alcançados na área livre, na rodada anterior, realizada na Bolsa de Valores do Extremo Sul. Mas, os 50% de ontem acabaram surpreendendo a muitos dos participantes, que estimavam um deságio entre 40 e 45%.

A possibilidade de mudanças nas regras de conversão e a queda na cotação dos títulos da dívida brasileira negociados no mercado secundário internacional foram responsáveis por essa forte elevação do deságio, conforme admitiu Cláudio Haddad, diretor do Banco Garantia de Investimentos, um dos destaques deste nono leilão, junto como Bozano Simonsen.

David Hetzel, vice-presidente do Banco Bozano, Simonsen de Investimentos, tinha clientes dispostos a sair deste leilão com US\$ 50 milhões, mas a uma taxa mais baixa, em torno de 40%. A exemplo de Haddad, Hetzel atribuiu os 50% na área livre, e os 21,5% da incentivada, à queda dos títulos brasileiros no exterior e às notícias que circularam nos últimos dias dando conta de uma provável alteração nas regras do jogo.

Alguns dos presentes já davam como certo que o leilão de ontem seria um dos últimos e por isso a taxa tão alta. Este era o caso de Paulo César Pinto da Silva, gerente de investi-

mentos da Corretora Sodril, do Banco de Boston. Roberto Corrêa, vice-presidente do NMB Bank, banco holandês credor do Brasil, que participou do leilão por meio da sua corretora, a Guilder, atribuiu a elevação à expectativa do mercado com a reunião do Conselho Monetário Nacional (CMN), a ser realizada hoje, "que deve mudar as regras".

## DISPUTA

A primeira fase do leilão, relativa à parte livre, foi a mais disputada, tendo durado 1,35 hora, fora a meia hora gasta para se fazer o rateio, aí a uma taxa de 49,5%. Desde o início deu para se perceber que este leilão atingiria taxas recordes, dado o elevado volume proposto pelos participantes.

Logo no começo, a 1,5% de deságio, havia ofertas no valor de US\$ 304,4 milhões, com o maior lance sendo apresentado pela Guilder, US\$ 54,5 milhões. Mas foi a esse nível de taxa que o Bozano entrou forte, pulando de US\$ 300 mil, propostos inicialmente, para US\$ 37,7 milhões.

Quando a taxa chegou a 5,5%, o pregão silenciou, até que a Corretora Multiplic apresentou proposta de US\$ 75 milhões, com deságio de 10%, provocando enorme burburinho.

Entretanto, a maior emoção estava reservada para o final. Quando o diretor do pregão anunciou que a no-

va taxa era de 50%, o Garantia retirou sua oferta, que era, então, de US\$ 24 milhões. Com isto, o total licitado na área livre pelo BC, US\$ 75 milhões, não seria atingido, ficando em US\$ 40,2 milhões apenas.

Isso fez com que outras corretoras aumentassem suas propostas e o próprio Garantia acabou retornando: inicialmente com US\$ 15 milhões, para subir de

pois até US\$ 17,4 milhões. Com, aproximadamente, 240 lances, o leilão para a área livre foi encerrado, sendo feito um rateio a uma taxa de 49,5%, no qual o Garantia ficou com mais US\$ 1 milhão, a Interunion pegou mais US\$ 50 mil, e o Bozano, levou mais US\$ 1,256 milhão.

## ÁREA INCENTIVADA

O leilão na parte incentivada foi mais rápido, mas

também registrou um desconto recorde, 21,5%. O maior destaque foi a Corretora Conveção, que arrematou US\$ 11 milhões, seguida pela Multiplic, que ficou com US\$ 10,1 milhões.

Somando as duas áreas, a corretora do Garantia foi a que ficou com a maior fatia, US\$ 26,9 milhões, seguida de perto pelo Bozano Simonsen, com US\$ 26,856 milhões.